 <https://doi.org/10.31977/grirfi.v24i3.4840>


Recebido: 06/05/2024 | Aprovado: 29/09/2024

Received: 05/06/2024 | Approved: 09/29/2024

## AS PAIXÕES DA ALMA EM RENÉ DESCARTES: FISILOGIAS, UTILIDADE E REMÉDIOS

**Felini de Souza<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

 <https://orcid.org/0009-0002-3184-5674>

E-mail: felinista.filosofia@gmail.com

**RESUMO:**

Descartes dedica sua última obra ao estudo das paixões. Tema este que viria fechar as suas contribuições para a discussão da união substancial. Como que duas substâncias completas e distintas se encontram unidas? Essa interação entre corpo e alma pode não se explicar no que tange aos aspectos teóricos, mas quando Descartes parte as conclusões práticas, buscando nas paixões a chave dessa relação. Em *As paixões da alma*, Descartes faz uma espécie de taxionomia das paixões, classificando em seis paixões primitivas e as demais seriam suas derivadas. Ao apresentá-las trata dos seus processos fisiológicos, os movimentos que estas paixões geram no corpo, assim como apresenta as utilidades e os remédios para os excessos e faltas das paixões. Descartes não considera as paixões pecaminosas, ou doenças que precisariam ser erradicadas, mas como boas, como responsáveis pela doçura da vida, sendo necessário apenas serem conhecidas e controladas para garantir uma vida ética.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo; Alma; Paixões.

## THE PASSIONS OF THE SOUL IN RENÉ DESCARTES: PHYSIOLOGIES, UTILITY AND REMEDIES

**ABSTRACT:**

Descartes dedicates his last work to the study of passions. This theme would come to close his contributions to the discussion of substantial union. How do two substances complete and distinct are united? This interaction between body and soul may not be explained in theoretical terms, but when Descartes draws practical conclusions, seeking in passions the key to this relationship. In “The Passions of Soul” Descartes creates a kind of taxonomy of passions, classifying them into six primary passions and the others as their derivatives. In presenting them, he discusses their physiological processes, the movements these passions generate in the body, as well as presenting the utilities and remedies for the excesses and deficiencies of passions. Descartes does not consider the passions sinful, or diseases that need to be eradicated, but rather as good, as responsible for the sweetness of life, only needing to be understood and controlled to ensure an ethical life.

**KEYWORDS:** Body; Soul; Passions.

---

<sup>1</sup> Doutorando(a) em Filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis – SC, Brasil.



## Introdução

O ser humano é constituído de *res cogitans* e *res extensa*, segundo o filósofo René Descartes, fazendo com que o entendimento das paixões tenha uma relação de dependência com essa união entre corpo e alma. De modo que, as paixões são causadas, fortalecidas e mantidas por movimentos dos espíritos animais na glândula pineal. Estes movimentos dos espíritos animais podem se dar de forma desigual, devido à diversidade de temperamentos dos corpos, das diferentes formas como somos afetados pelos objetos, ou ainda por dados da memória que já se encontram em nosso cérebro.

Assim sendo, Descartes busca fazer, em sua obra *As Paixões da Alma* (1649), uma taxionomia<sup>2</sup> das paixões, mostrando suas causas, utilidades, fisiologias e remédios. A obra *As Paixões da Alma* pode ser considerada um tratado de medicina, pela explicação fisiológica que Descartes dá dos efeitos das paixões em nosso corpo<sup>3</sup>, tendo em vista que ele tinha como ideia apresentar conselhos de uma forma de viver melhor, gozando de boa saúde<sup>4</sup>.

Em sua obra, diante de um número indefinido de paixões, Descartes as organiza em seis primitivas, sendo as demais derivadas delas<sup>5</sup>. Para ele, as paixões primitivas são: a admiração, o amor, o ódio, o desejo, a alegria e a tristeza. Estas seriam, portanto, as paixões primitivas, pelo fato delas não derivarem umas das outras, e é a partir destas paixões que conhecemos as paixões derivadas.

[...] desde o primeiro momento em que nossa alma se uniu ao corpo, é verossímil que tenha sentido alegria e logo depois amor, seguido talvez do ódio e da tristeza; e que as mesmas disposições do corpo, que então causaram nela estas paixões, tenham acompanhado depois, naturalmente, seus pensamentos. Julgo que sua primeira paixão foi a alegria, porque não é crível que a alma fosse posta no corpo, a não ser quando ele estivesse bem disposto, e quando está assim bem disposto isto nos dá, naturalmente, alegria. Digo também que o amor veio após porque, escoando-se incessantemente a matéria de nosso corpo, e como a água de um rio, e sendo necessário que venha outra em seu lugar, é pouco verossímil que o corpo estivesse assim bem disposto, se não houvesse também perto dele alguma matéria muito própria a servir-lhe de alimento, e que a alma, unindo-se voluntariamente a esta nova matéria, tivesse amor por ela; assim como, mais tarde, se aconteceu faltar este alimento, a alma teve daí a tristeza. E se veio outro em seu lugar, que não fosse próprio para nutrir o corpo, teve ódio por ele. (Descartes, *Cartas*, 1979, p. 319).

Segundo Descartes, essas seriam as paixões primitivas, também, pelo fato de serem as primeiras que se apresentam em nós, antes mesmo do próprio nascimento.

A admiração é a primeira paixão apresentada pelo filósofo francês, pois, segundo ele, ela é a primeira a se manifestar nos seres humanos ao serem afetados por algum objeto. Ela é considerada a paixão do conhecer, pois está presente na descoberta e na surpresa de sermos apresentados a algo novo. Essa paixão não possui contrário, pois ela só se dá ao sermos apresentados a um dado novo, ou seja, não havendo esta novidade, não haverá paixão. Já as paixões derivadas da admiração são a estima e o desprezo, que ocorrem conforme o valor dado ao

---

<sup>2</sup> Ciência da ordem.

<sup>3</sup> Descartes pretendia tratar das paixões como um físico.

<sup>4</sup> O filósofo René Descartes trocava correspondências com a Princesa Elizabeth da Boêmia. Em suas correspondências, ele tratava da questão da moralidade e das paixões. A partir das correspondências sobre as paixões foi que surgiu a iniciativa de escrever um tratado sobre o assunto, a obra *As Paixões da Alma*, publicada em 1649.

<sup>5</sup> Descartes considera que a forma como ele enumera as paixões seja um de seus diferenciais, diante do que já havia sido feito por filósofos anteriores. Essa diferença na enumeração feita por Descartes se dá, pois o filósofo não considerava a alma em partes, e atribui à sua forma de organizar as paixões, em seis primitivas e suas derivadas, como uma forma mais completa de apresentar as paixões.

objeto admirado: se for positivamente, é a estima<sup>6</sup>, e negativamente, é o desprezo. Seguindo as derivações: da estima deriva a veneração e do desprezo o desdém.

Na admiração, não temos grandes movimentos no sangue e no coração, pois esta paixão, que é relacionada ao conhecimento, sem ter o bem ou o mal como seus objetos, depende mais das funções do cérebro, que armazena os dados provenientes dos órgãos dos sentidos, utilizados na aquisição desse conhecimento. A admiração, portanto, acontece antes mesmo de termos consciência se o objeto nos é benéfico ou maléfico.

Os movimentos provenientes da admiração podem ser intensos, de modo que um objeto novo faz com que os espíritos animais se agitem de um modo particular em relação a esse objeto, ocupando partes mais sensíveis, que não são frequentemente agitadas.

O que não se julgará incrível, se se considerar que uma razão análoga faz com que, estando a planta de nossos pés habituada a um contato bastante rude, devido ao peso do corpo que sustenta, sintamos muito pouco esse contato quando andamos; ao passo que outro muito menor e mais suave, como o das cócegas, nos é quase insuportável, por não nos ser comum. (Descartes, *Paixões da Alma*, Art. 72, 1979, p. 246).

A admiração em excesso pode ser entendida como ‘espanto’. O espanto, para Descartes, é uma emoção ruim, pois nos imobiliza e não traz conhecimento. Isso se explica do seguinte modo: no espanto os espíritos animais ficam todos alojados onde está a impressão do objeto admirado, não passando para o cérebro, mantendo a impressão inicial causada e deixando o corpo imobilizado.

A segunda paixão apresentada por Descartes, em *As Paixões da Alma*, é a do amor. É da paixão do amor em diante que elas se relacionam com o bem ou com o mal. A paixão do amor se dá quando tomamos algo como bom ou conveniente para nós, levando-nos a amá-lo. Essa paixão, diferentemente da admiração, possui contrário. O contrário do amor, para Descartes é o ódio, e podemos defini-lo como a repulsa a algo que nos é maléfico ou danoso. O amor e o ódio nos levam a buscar o que nos é benéfico e a repugnar o que nos é maléfico, respectivamente, e por este motivo se torna muito útil aos seres humanos.

O amor é uma emoção da alma causada pelo movimento dos espíritos que a incitam a unir-se voluntariamente aos objetos que lhe parecem convenientes. E o ódio é uma emoção causada pelos espíritos que incitam a alma a querer estar separada dos objetos que se lhe apresentam como nocivos. [...] que são paixões e dependem do corpo, tanto dos juízos que levam também a alma a se unir voluntariamente as coisas que ela considera boas e a se separar daquelas que considera más como das emoções que só esses juízos excitam na alma. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 79, 1979, p. 247).

O amor difere da paixão do desejo, pois não é, simplesmente, desejar estar com o que se ama, como algo relacionado ao futuro, mas também que nos encontramos “presentemente unidos com o que amamos, de sorte que imaginamos um todo do qual pensamos constituir apenas uma parte, e do qual a coisa amada é a outra” (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 80, 1979, p. 248). Já, com relação ao ódio, ele é entendido como um todo que é dissociado do que se repudia.

Para Descartes, o amor se dá em duas espécies: amor de benevolência e amor de concupiscência. O amor de benevolência é o amor que faz com que queiramos bem para o que se ama, já o amor de concupiscência, seria desejarmos o que amamos.

Deste modo, o amor pode se apresentar de formas diferenciadas, dependendo do objeto amado e da forma que se ama. O amor que há entre uma mãe e uma filha é um amor que não quer a posse, pelo contrário, é um amor que se baseia no querer o bem do amado assim como o seu

<sup>6</sup> A estima e o desprezo são aspectos da admiração que temos por algum ‘objeto’, e pelo qual temos mais ou menos afeição.

próprio bem. O mesmo se dá no amor entre amigos e no amor ‘romântico’. O ‘amor romântico’ pode ser fruto, também, da união do amor que quer o bem ao que se ama, com o amor que se relaciona com a posse do ‘objeto’ amado.

[...] o amor, por mais desregrado que seja, proporciona prazer e, embora os poetas dele se queixem muitas vezes em seus versos, creio, não obstante, que os homens se absteriam naturalmente de amar se não encontrassem nele mais doçura do que amargura; e que todas as aflições, cuja causa se atribui ao amor, provêm apenas das outras paixões que o acompanham, a saber, desejos temerários e esperanças mal fundadas. (Descartes, *Cartas*, 1979, p. 323).

Deste modo, o amor tende a ser benéfico, os riscos nos desregramentos do amor estão relacionados a falta de conhecimento do que se ama, pois a falta de conhecimento pode fazer com que o objeto amado seja na verdade algo maléfico e que não seja digno de amor.

O amor se apresenta, mais especificamente, em três espécies: como devoção, amizade e afeição. Enquanto devoção, temos mais estima pelo o que amamos do que por nós mesmos. Um exemplo de devoção é o amor a alguma divindade. Sobre a amizade, ela se manifesta quando a mesma estima que temos pelo que amamos temos por nós mesmos, de forma igualitária, sendo, então, os demais seres humanos dignos de amizade por nós. Já a afeição, é quando possuímos menos estima pelo o que amamos do que por nós mesmos, como seria o caso, de acordo com Descartes, na relação que temos com os objetos ou com os animais. Em relação à paixão do ódio, não percebemos a existência de espécies, como acontece com o amor, pois não nos atentamos às diferenças que fazem com que nós repudiemos o que se nos incita à essa paixão.

Os objetos que relacionamos ao amor ou ao ódio são representados tanto na alma por ela mesma quanto pelos dados dos órgãos dos sentidos. Segundo Descartes (*As Paixões da Alma*, Art. 85, 1979, p. 249), entendemos como bem ou mal o que a nossa razão demonstra que é conveniente ou inconveniente para a nossa natureza. Quando se trata de dados oriundos dos órgãos dos sentidos, temos esse bem ou mal representado como belo ou feio. Desse modo, o amor que se tem pelas coisas belas pode ser entendido como agrado, de modo contrário, o ódio que se tem pelas coisas consideradas feias, geram o horror.

A paixão do desejo é apresentada por Descartes como aquela que se relaciona com o futuro, pois ela trata do ‘querer’. Quanto à sua relação com o bem e o mal, ela se refere a possuir algum bem, de conservar algum bem ou de evitar algum mal<sup>7</sup> sendo caracterizada por “uma agitação da alma causada pelos espíritos que dispõem a querer para o futuro as coisas que se lhe representam como convenientes” (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 86, 1979, p. 250).

O desejo também apresenta suas derivações, sendo elas: a esperança, o temor, a segurança (confiança) e o desespero. Quando acreditamos que é muito provável que conseguiremos aquilo que desejamos, podemos nomear esse tipo de desejo como esperança. Quando, pelo contrário, o que desejamos parece ser pouco provável de se realizar, sentimos temor, originando o ciúme como uma de suas espécies: “O ciúme é uma espécie de temor que se relaciona ao desejo de conservar a posse de algum bem” (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 166, 1979, p. 281). A paixão do ciúme, para Descartes, pode ser considerada honesta somente em casos, como por exemplo, quando uma mulher busca preservar sua honra diante de comentários maldosos, ou no caso em que alguém tem a responsabilidade de zelar por algo de valor, e por isso desconfia da honestidade dos outros frente ao que protege. Em outros casos, o filósofo considera a paixão do ciúme censurável.

<sup>7</sup> Desse modo, a paixão do desejo não possui contrários, pois, ao mesmo tempo em que ela tem a função de querer algum bem, ela pode querer evitar um mal.

E, despreza-se um homem que sente ciúme de sua mulher, porque isso testemunha que não a ama seriamente; pois, se nutrisse um verdadeiro amor por ela, não teria a menos inclinação para dela desconfiar; mas não é a ela que propriamente ama, mas somente o bem que imagina consistir em sua posse exclusiva; e não temeria perder este bem, caso não julgasse que é indigno dele ou então que sua mulher é infiel. Além disso, essa paixão relaciona-se apenas a suspeitas e desconfianças, pois não é propriamente ser ciumento esforçar-se por evitar qualquer mal, quando se tem motivo de receá-lo. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 169, 1979, p. 282).

Se a paixão do desejo, para a sua realização, depende inteiramente de nós mesmos, podemos nos encontrar confusos quanto ao caminho até essa realização, sendo entendida então como irresolução. Há também, a coragem e ousadia, tendo a emulação como uma espécie, e como paixão contrária, a covardia, o medo e o pavor. Já o remorso, ele se dá quando nos encontramos determinados para uma ação sem antes termos saído da irresolução.

As espécies derivadas da paixão do desejo podem nascer do agrado e do horror. Quando temos uma paixão derivada da paixão do desejo, que tem como princípio o horror, podemos entendê-la como fuga ou aversão.

Desse modo, no caso das derivadas da paixão do desejo que têm como origem o agrado, podemos entender aquelas coisas que são benéficas ao indivíduo e, portanto, ele passa a desejá-las. Existem variadas espécies de agrados, sendo principal o agrado que tem como origem as qualidades que atribuímos à alguma pessoa na qual nos espelhamos, além dessa forma de agrado que o senso comum entende como o amor.

[...] pois, com a diferença do sexo, que a natureza estabeleceu nos homens bem como nos animais destituídos de razão, ela estabeleceu também certas impressões no cérebro que fazem com que, em certa idade e em certo tempo, nos consideremos como defeituosos e como se não fôssemos senão a metade de um todo, do qual uma pessoa de outro sexo deve constituir a outra metade, de sorte que a aquisição dessa metade é confusamente representada pela natureza como o maior de todos os bens imagináveis. E, ainda que se veja muitas pessoas desse outro sexo, nem por isso se deseja muitas ao mesmo tempo, posto que a natureza não leva a imaginar que se necessite de mais de uma metade. Mas, quando numa se observa algo que agrada mais do que aquilo que se observa ao mesmo tempo nas outras isso determina a alma a sentir somente por ela todo o pendor que a natureza lhe dá para procurar o bem que ela lhe representa como maior que se possa possuir; e esta inclinação ou este desejo que nasce assim do agrado leva mais comumente o nome de amor do que a paixão de amor acima descrita. Por isso, produz os mais estranhos efeitos e é ele que serve de principal matéria aos fazedores de romances e poetas. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 90, 1979, p. 252).

Por fim, as últimas paixões primitivas apresentadas por Descartes são a alegria e a tristeza, que se dão na medida em que temos a impressão cerebral de que há um bem presente representado como nosso, no caso da alegria, ou que há um mal presente e também pertencendo a nós, como é o caso da tristeza.

A alegria é uma agradável emoção da alma, na qual consiste o gozo que ela frui do bem que as impressões do cérebro lhe representam como seu. [...] A tristeza é um langor desagradável no qual consiste a incomodidade que a alma recebe do mal, ou do defeito que as impressões do cérebro lhe representam como lhe pertencendo. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 91, 1979, p. 252).

Descartes atenta-nos para o perigo de confundirmos a paixão da alegria com a alegria puramente intelectual, podendo esta ser entendida apenas como uma emoção, por se tratar de algo que não requer a união corpo e alma, mas levando em conta a união substancial, essa alegria

intelectual, que nada mais é do que o “bem que seu entendimento representa como seu” (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 91, 1979, p. 252), deve ser seguida pela alegria enquanto paixão. De modo que, com a paixão da alegria agindo sobre o corpo, nossa alma também é afetada, fazendo com que tenhamos entendimento dessa alegria e desse bem representado como nos pertencendo. O mesmo se dá com a tristeza intelectual, que, normalmente, é guiada pela paixão da tristeza.

A paixão da alegria e da tristeza são causadas pelas impressões e ideias que possuímos de algum bem ou algum mal, porém, por vezes sentimos tais paixões sem conseguir identificar suas causas. Isto se dá, pois muitas vezes o bem e o mal só são apresentados ao nosso corpo, não ficando claro à alma essa presença do bem e do mal.

Geralmente, o prazer corpóreo e a dor estão relacionados com a alegria e a tristeza. O prazer corpóreo está relacionado à alegria, enquanto a dor se relaciona com a tristeza, porém, pode acontecer de algum prazer corpóreo nos incomodar, assim como há dores que podem se relacionar com a alegria. A alegria proveniente do prazer corpóreo se explica pelo fato de o nosso corpo ser mais resistente e bem disposto do que aquilo pode nos afetar de fato. Isto explica, também, porque em filmes onde são apresentadas paixões de tristeza ou situações tristes, nós muitas vezes não nos sentimos tristes, pois por termos a consciência de que se trata de ficção, isso não nos pode prejudicar. O mesmo vemos quando, após passado algum mal, sentimos um contentamento por ter superado tal problemática.

A paixão da alegria possui suas derivadas. Por exemplo, quando esse bem pertence a outros indivíduos, se consideramos eles dignos de tal bem, o fato de ver que “as coisas acontecem como devem” (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 62, 1979, p. 243), faz com que tenhamos a paixão da alegria. Dessa forma, a alegria provinda do bem é séria, diferentemente da alegria oriunda do mal, que é considerada zombaria, podendo vir acompanhada de riso, para o filósofo francês. No entanto, quando consideramos que outras pessoas são indignas de um bem ou de um mal que lhes é acometido, temos as paixões da inveja e da piedade, consideradas espécies de tristeza.

Ainda se relacionando com o bem e o mal, Descartes nos apresenta a paixão que ele considera a “mais doce” delas, a satisfação de si mesmo, que seria a consideração de termos feito algum bem. Pelo contrário, a paixão que Descartes considera como “mais amarga” é o arrependimento, que vem da consideração de que fizemos algum mal. Com relação aos atos de outros indivíduos, se forem relacionados ao bem que estes outros indivíduos tenham feito a nós, consideramos como favor, e se for a outras pessoas, temos o reconhecimento. Desse modo, o mal feito pelos outros que não tenham nós mesmos como alvo, é tido com indignação. Já, quando esse mal provocado por outras pessoas afetam nós mesmos, temos a cólera. Quanto ao bem relacionado a nós, que é julgado por outros indivíduos, considera-se como glória, e quando é relacionado ao mal, considera-se a vergonha.

Quando o bem dura em demasia, podemos ter o fastio, de modo que, a duração do mal pode diminuir a tristeza.

O fastio é uma espécie de tristeza proveniente da mesma causa de que proveio antes a alegria; pois somos de tal forma compostos, que a maioria das coisas de que desfrutamos são boas em relação a nós apenas por certo tempo, e tornam-se em seguida incômodas: o que transparece principalmente no beber e no comer, que são úteis apenas enquanto temos apetite e são nocivos quando não mais a temos; [...]. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 208, 1979, p. 292).

Posteriormente ao bem, temos o pesar, sendo uma espécie de tristeza, todavia, após o mal, temos o júbilo, considerado uma espécie de alegria. Isto mostra uma forma de necessidade de

oscilações entre o bem e o mal, em que até as paixões que se referem mais ao mal têm sua importância.

### Fisiologia das paixões

De acordo com Guenancia o que Descartes compreende por “‘medicina’, mas que seria mais exatamente denominado anátomo-fisiologia dos corpos vivos, não se separa em nada da física, nem no plano dos princípios, nem no do método” (Guenancia, 1991, p. 47). O que se explica, também, pela intenção de Descartes no conhecimento de tais descrições para a conservação da saúde e de uma vida melhor.

[...] o tema da medicina é muito mais que uma preocupação ocasional do filósofo, que tendo exercido, ao longo de sua vida, uma atividade polivalente de cientista, matemático e filósofo, não poderia tratar o tema médico isoladamente do conjunto de seu sistema. (Marques, 1993, p. 12).

Em *As Paixões da Alma*, há uma explicação das paixões enquanto evento físico, sendo assim, entendemos a fisiologia por meio do corpo concebido como máquina, com seu movimento mecanicista, tratando dos processos do corpo-máquina na produção de paixão e apetites. Segundo Gary Hatfield (2009), os estudos de Descartes acerca do corpo humano se deram de forma prática, utilizando partes dos corpos de animais, assim como em autópsias, para um melhor entendimento da anatomia.

Diferentemente do que já havia sido dito sobre a paixão da admiração, que se relaciona mais diretamente com o cérebro, por se tratar de uma paixão que tem como fim o conhecimento, as demais paixões envolvem, além do cérebro, também o fígado, o baço, o coração, entre outros órgãos que produzem o sangue e os espíritos animais.

Mas o que podemos sentir em nós mesmos são as alterações do ritmo cardíaco (pulso regular, mas forte, no amor; rápido e mais fraco, no ódio etc.), sensações de calor ou de frio em certas partes do corpo (no peito, quando se trata do amor), ou em todo corpo (quando se trata da alegria etc.), bem como alterações dos movimentos do estômago que fazem com que sintamos apetite (no amor e na tristeza) ou, ao contrário, percamos o apetite (na alegria) ou ainda sintamos tendência para o vômito (no ódio). (Teixeira, 1990, p. 197).

A paixão do amor, segundo Descartes, é útil para saúde. Em relação a ela, quando não é acompanhada de nenhuma outra, sente-se o batimento cardíaco mais forte do que de costume; e “se sente um doce calor no peito, e que a digestão dos alimentos se faz muito prontamente no estômago” (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 97, 1979, p. 254).

[...] quando o entendimento se representa qualquer objeto de amor, a impressão que tal pensamento efetua no cérebro conduz os espíritos animais, pelos nervos do sexto par, aos músculos situados em torno dos intestinos e do estômago, da forma requerida a levar o suco dos alimentos, que se converteu em sangue novo, a passar prontamente ao coração sem se deter no fígado, e, sendo aí impelido com mais força do que o é em outras partes do corpo, a entrar no coração com maior abundância e excitar nele um calor maior, por ser mais grosso do que aquele que já foi rarefeito muitas vezes ao passar e repassar pelo coração; o que faz enviar também espíritos ao cérebro cujas partes são mais grossas e mais agitadas que de ordinário; e esses espíritos, fortalecendo a impressão que o primeiro pensamento do objeto amável nele ocasionou, obrigam a alma a deter-se nesse pensamento; e é nisso que consiste a paixão do amor. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 102, 1979, p. 255).

De forma contrária, no ódio o batimento cardíaco é mais fraco, porém mais rápido, e o estômago não funciona adequadamente, podendo rejeitar alimentos.

[...] no ódio, o primeiro pensamento do objeto que produz aversão conduz de tal modo os espíritos existentes no cérebro para os músculos do estômago e dos intestinos que impedem o suco dos alimentos de se misturar com o sangue, apertando todas as aberturas por onde costuma correr; e condu-los também de tal modo aos pequenos nervos do baço e da parte inferior do fígado, onde fica o receptáculo da bile, que as partes do sangue que costumam ser rejeitadas para esses lugares deles saem e correm, com o sangue que está nos ramos da veia cava, para o coração; o que causa muitas desigualdades em seu calor, tanto mais que o sangue proveniente do baço não se aquece e não se rarefaz senão a custo, e que, ao contrário, o procedente da parte inferior do fígado, onde há sempre fel, se abrasa e dilata mui rapidamente; daí se segue que os espíritos que vão para o cérebro também têm partes muito desiguais e movimentos muito extraordinários; donde resulta que fortalecem nele as ideias do ódio que já encontram aí impressas, e dispõem a alma a pensamentos cheios de acritude e amargura. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 103, 1979, p. 255-256).

Na paixão da alegria, o batimento cardíaco se apresenta mais rápido, porém não tão forte; sente-se também um agradável calor em todo corpo, pois o sangue se espalha por todas essas áreas. Na alegria, a digestão não se dá de modo adequado, podendo haver uma sensação de saciedade e perda do apetite.

Na alegria não são tanto os nervos do baço, do fígado, do estômago ou dos intestinos que atuam, mas os que existem em todo o resto do corpo, e particularmente aquele que fica em torno dos orifícios do coração, o qual, abrindo e alargando tais orifícios, permite ao sangue, que os outros nervos expulsam das veias para o coração, entrar e sair em maior quantidade que de costume; e, como o sangue que então penetra no coração já passou e repassou aí muitas vezes, vindo das artérias para as veias, ele se dilata mui facilmente e produz espíritos cujas partes, sendo muito iguais e sutis, são próprias para formar e fortalecer as impressões do cérebro que dão à alma pensamento alegres e tranquilos. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 104, 1979, p. 256).

No corpo, a paixão da alegria pode ser causada pela falta de necessidade de se buscar mais ‘alimento’ que seja responsável por garantir o calor corpóreo, pois o sangue “contido nas veias era um alimento conveniente para manter o calor do corpo” (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 109, 1979, p. 257).

Diferentemente, na tristeza, se ela não se encontra unida com a paixão do ódio, podemos notar uma insaciedade e um bom apetite. O batimento cardíaco é lento e mais fraco, “sentimos em torno do coração como laços, que o apertam, e pedaços de gelo que gelam e comunicam sua frialdade ao resto do corpo” (DESCARTES, *As Paixões da Alma*, Art. 100, 1979, p. 255).[...] na tristeza, as aberturas do coração são fortemente contraídas pelo pequeno nervo que as envolve, e o sangue das veias não é de modo algum agitado, o que determina que vá muito pouco para o coração; e, no entanto, as passagens por onde o suco dos alimentos corre do estômago e dos intestinos ao fígado permanecem abertas, o que faz com que o apetite não diminua, exceto quando o ódio, o qual muitas vezes está junto à tristeza, os fecha. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 105, 1979, p. 256).

Na paixão do desejo, o coração encontra-se mais agitado do que de costume, e no cérebro há mais espíritos animais que passam aos músculos, fazendo com que nossos órgãos dos sentidos fiquem mais sensíveis e com que haja mais mobilidade nos membros do corpo.



[...] a vontade de obter algum bem ou de fugir de algum mal envia prontamente os espíritos do cérebro a todas as partes do corpo capazes de servir às ações requeridas para tal efeito, e particularmente ao coração e às partes que lhe fornecem mais sangue, a fim de que, recebendo-o em maior abundância do que de costume, envie maior quantidade de espíritos ao cérebro, tanto para entreter e fortalecer nele a ideia dessa vontade, como para passar daí a todos os órgãos dos sentidos e todos os músculos que podem ser empregados para obter o que se almeja. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 106, 1979, p. 256).

O movimento corpóreo na paixão do desejo, que torna o corpo mais ativo, pode, além de causar, manter e fortalecer a paixão do desejo.

Como característica fisiológica das paixões, temos, também, a variação no movimento dos espíritos animais, desde sua densidade, agitação e quantidade.

[...] no que concerne aos espíritos animais, eles podem ser mais ou menos abundantes, e suas partes maiores ou menores e mais ou menos agitadas e uma vez ou outra mais ou menos iguais entre si, e é por meio dessas quatro diferenças que todos os diversos humores ou inclinações naturais existentes em nós (ao menos enquanto não dependem da constituição do cérebro, nem das afecções particulares da alma) são representadas nesta máquina. Pois, se esses espíritos forem mais abundantes que de costume, serão próprios para excitar nela movimentos totalmente semelhantes aos que testemunham em nós a bondade, a liberdade e o amor, e semelhantes aos que testemunham em nós a confiança ou o atrevimento se suas partes forem mais fortes e mais volumosas; e a constância, se com isso elas forem iguais em configuração, em força, e em tamanho; a prontidão, a diligência e o desejo, se elas forem mais agitadas, e a tranquilidade de espírito, se elas forem mais iguais em sua agitação. Como, ao contrário, esses mesmos espíritos são próprios para excitar nela movimentos totalmente semelhantes aos que testemunham em nós a malignidade, a timidez, a inconstância, a lentidão e a inquietude, se lhes faltarem estas mesmas qualidades. (Descartes, *Tratado do Homem*, 1993, p. 176).

Esses movimentos corpóreos apresentados nas paixões possuem características exteriores, tais como: as variações de coloração da face e na aparência dos olhos, desmaio, riso, lágrimas, suspiros, entre outros fatores visíveis exteriormente.

Geralmente, o que nos apresenta mais variações e modificações conforme a paixão que se sofre é os olhos e o rosto. Os olhos possuem características específicas em praticamente todas as paixões, porém, torna-se complicada a identificação precisa dos olhares presente em diferentes paixões, por se tratar de algo muito particular de cada indivíduo. Da mesma forma se dão as expressões da face, pois, como Descartes exemplifica, há indivíduos que possuem suas expressões, quando riem ou quando choram, bastante semelhantes.

Essas características presentes nos olhos e na face diante das paixões podem ser disfarçadas pela vontade do indivíduo, buscando imaginar uma paixão contrária ou caracterizá-la, porém, também podem ser fortificadas pela vontade do indivíduo, evidenciando tais características. Todavia, quanto às variações de coloração na face, os seres humanos não possuem nenhum controle sobre elas. Isso se dá, pois não são os músculos os responsáveis por essas variações, mas o coração.

[...] é certo que a cor do rosto não vem senão do sangue, o qual, correndo continuamente do coração, através das artérias, para todas as veias, e de todas as veias para o coração, colore mais ou menos o rosto, conforme preencha mais ou menos as pequenas veias que se dirigem a superfície. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 114, 1979, p. 259).

As variações de coloração na face podem ser vistas nas paixões da alegria e da tristeza, por exemplo. Na alegria, ficamos mais corados e ruborizados, pois “abrindo as comportas do coração, faz com que o sangue corra mais depressa em todas as veias e com que, tornando-se mais quente

e mais sutil, infle moderadamente todas as partes do rosto” (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 115, 1979, p. 259). Já diante da paixão da tristeza, empalidecemos, pois ela torna os orifícios do coração mais apertados, o que faz com que o sangue demore mais a correr nas veias, deixando o coração mais frio. O sangue, nesse caso, ocupa mais as veias que estão em torno do coração do que aquelas da face, empalidecendo esta. Contudo, quando se encontra a paixão da tristeza unida a outras, como por exemplo, com o amor, o desejo ou o ódio, pode-se perceber que, ao invés de empalidecer a face, ela tende a se ruborizar.

Na vergonha, encontramos duas paixões misturadas: o amor a si próprio com o desejo de evitar o rebaixamento, com uma moderada tristeza. O que explica a ruborização na face presente na vergonha. Assim, também quando choramos, a face se ruboriza, pois não se trata apenas de tristeza, mas da mistura entre a paixão da tristeza com o amor, que causa, por vezes, as lágrimas. Na cólera a vermelhidão na face acontece, pois isso seria a união da paixão da tristeza com o ódio, o amor e o desejo de vingança.

Os sons que o corpo produz diante das paixões é uma forma de “prolongar o corpo em palavras” (Guenancia, 1991, p. 60). O ser humano só utiliza da fala, de fato, quando nada o provoca a isto. Isto é importante, para distinguir a linguagem das palavras com reações provocadas pelas paixões e que, por vezes, não dependem da vontade. Já, a origem dos tremores se dá por meio do excesso ou da falta de espíritos animais conduzidos do cérebro aos nervos. Temos os tremores quando não há suficientes espíritos para serem comandados pelo cérebro para algum músculo.

A primeira causa aparece na tristeza e no medo, assim como quando trememos de frio, pois estas paixões podem, da mesma maneira que a frialdade do ar, espessar o sangue de tal forma que não forneça ao cérebro bastantes espíritos para enviá-los aos nervos. A outra causa aparece amiúde nos que desejam ardentemente algo, e nos que estão fortemente comovidos pela cólera, como também nos que estão ébrios: pois estas duas paixões, assim como o vinho, fazem ir às vezes tantos espíritos ao cérebro que não podem ser daí regularmente conduzidos para os músculos. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 118, 1979, p. 260).

Todavia, na languidez temos uma tendência à inércia e ao desanimo. Deste modo, o desanimo se dá pois há uma insuficiência de espíritos animais conduzidos aos nervos, diferenciando-se dos tremores, pelo fato de que é a glândula pineal que conduz os espíritos animais a alguns músculos, e não a outros. A languidez pode ser uma consequência da união de duas paixões: o amor e o desejo, desejo esse relacionado a algo que não pode ser adquirido, pelo menos no presente momento.

[...] pois o amor ocupa de tal forma a alma em considerar o objeto amado, que emprega todos os espíritos que se encontram no cérebro em representar-lhe a imagem e detém todos os movimentos da glândula que não sirvam para tal efeito. E cumpre notar, no tocante ao desejo, que a propriedade que lhe atribuí de tornar o corpo mais móvel só lhe convém quando se imagina que o objeto desejado é tal que se pode desde esse momento fazer algo que sirva para adquiri-lo; pois se, ao contrário, se imagina que é impossível naquele momento fazer algo de útil para isso, toda a agitação do desejo permanece no cérebro, sem passar de modo algum dos nervos, e sendo aí inteiramente empregada em fortalecer a ideia do objeto desejado, deixa o resto do corpo langüescente. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 120, 1979, p. 260-261).

Causado por um excesso de alegria, temos o desmaio, que acontece, pois, “abrindo extraordinariamente os orifícios do coração, o sangue das veias entra nele tão de repente [...], que o calor não pode rarefazê-lo assaz prontamente para levantar as pequenas peles que fecham as

entradas dessas veias” (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 122, 1979, p. 261), fazendo com que o ‘fogo’<sup>8</sup>, que é considerado por Descartes como a fonte vital, seja reprimido, permanecendo alguns restos de calor. O desmaio, portanto, pode ser considerado como um fenômeno próximo da morte.

Na alegria, o pulmão se encontra totalmente inflado, de modo que o riso dificilmente pode ser considerado uma característica dela, somente se relacionando com ela, caso a alegria esteja disposta juntamente com a admiração ou o ódio.

O riso consiste em que o sangue que procede da cavidade direita do coração pela veia arteriosa, inflando de súbito e repetidas vezes os pulmões, faz com que o ar neles contido seja obrigado a sair daí com impetuosidade pelo gasnete, onde forma uma voz inarticulada e estrepitosa; e tanto os pulmões, ao se inflarem, quanto este ar, ao sair, impelem todos os músculos do diafragma, do peito e da garganta, mediante o que movem os do rosto que têm com eles qualquer conexão; e não é mais que essa ação do rosto, com essa voz inarticulada e estrepitosa, que chamamos riso. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 124, 1979, p. 261).

Do mesmo modo, não é unicamente da paixão da tristeza que provêm as lágrimas. As lágrimas são a consequência da junção entre a tristeza e o amor ou com alegria. Para Descartes, as lágrimas são consideradas como vapores que saem dos olhos, que se convertem em líquido, da mesma forma que se explicam os vapores que se tornam chuva.

E não consigo notar senão duas causas que faça, os vapores que saem dos olhos se transmudarem em lágrimas. A primeira é quando a figura dos poros por onde passam é mudada por qualquer acidente que seja: pois isso, retardando o movimento desses vapores e modificando sua ordem, pode leva-los a se converterem em água. Assim, basta que um argueiro caia no olho para arrancar-lhe algumas lágrimas porque, excitando neles a dor, altera a disposição de seus poros; de sorte que, tornando-se alguns mais estreitos, as pequenas partes dos vapores passam neles menos depressa, e que, em vez de saírem como antes igualmente distantes umas das outras, permanecerem assim separadas, acabam por encontrar-se, porque a ordem destes poros está perturbada, mediante o que elas se juntam e assim se convertem em lágrimas. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 130, 1979, p. 263).

Quando a tristeza, acompanhada do amor ou da alegria, causa lágrimas, elas se dão pelo fato de haver mais sangue conduzido do coração para as artérias. Sangue esse que se dá em maior abundância na paixão do amor. Já a paixão da tristeza esfria o sangue, que, por sua vez, contrai os poros dos olhos; requerendo, também, que seja diminuído o volume dos vapores que serão conduzidos pelos poros, produzindo assim as lágrimas. O que explica porque as lágrimas surgem quando temos conjuntamente as duas paixões, tristeza e amor.

Sobre as lágrimas e o choro, Descartes também nos mostra que, diante de diferentes reações numa mesma paixão, é possível levar em conta as propensões pessoais dos indivíduos. Como por exemplo, diante de uma situação que cause o choro, se o indivíduo, ao invés de ruborizar-se e lacrimejar, apenas empalidecer, ele pode ser considerado como um indivíduo propenso ao ódio ou ao medo, que são paixões que diminuem o volume das lágrimas. Já as que choram com mais facilidade, são consideradas por Descartes, como mais inclinadas ao amor e à piedade.

## A utilidade das paixões

---

<sup>8</sup> Fogo sem luz ou calor, presente no coração, considerado como princípio vital.

As paixões é um tema recorrente na filosofia. Muitos filósofos já trataram ou tratam ainda da questão das paixões. Descartes se mostrava insatisfeito com o que haviam trabalhado em relação às paixões até sua época, por isso buscava seguir um caminho diferente ao que foi trilhado pelos seus antecessores. Primeiramente, Descartes se diferencia de seus antecessores por não dividir a alma em vegetativa e sensitiva, atribuindo as características que seriam destas, apenas ao corpo. Outra diferença é que para o filósofo francês, o princípio vital, como já dito anteriormente, se encontra no corpo e não na alma. Por fim, diferentemente dos Estoicos, que buscavam a *Ataraxia*<sup>9</sup>, extirpando as paixões, ou outros autores, que consideravam as paixões prejudiciais ou pecaminosas, Descartes não tinha as paixões como algo maléfico. Pelo contrário, ele acreditava que elas é que “dão a doçura a vida”, sendo necessário apenas sabermos conduzi-las e utilizá-las bem, de modo a não nos tornarmos escravos delas.

De acordo com Lívio Teixeira, “a utilidade das paixões deve ser estudada do ponto de vista do bem-estar do corpo e do interesse da alma” (Teixeira, 1990, p. 202). Considerando que as paixões são boas por natureza, Descartes acredita, que não temos motivos para temê-las.

No tocante a isso, cumpre observar que, segundo o que a natureza instituiu, elas se relacionam todas ao corpo e são dadas à alma apenas na medida em que ele está unida; de sorte que o seu uso natural é incitar a alma a consentir e a contribuir nas ações que podem servir para conservar o corpo ou para torna-lo de alguma forma mais perfeito[...]. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 137, 1979, p. 266).

Em sua obra, *As Paixões da Alma*, Descartes nos mostra as utilidades das paixões apresentadas por ele. A admiração torna-se útil na medida em que a utilizamos para conhecer e armazenar na memória os dados dos objetos. Consideramos a admiração como sendo a paixão do conhecimento, portanto “vemos que os que não possuem qualquer inclinação natural para essa paixão são ordinariamente muito ignorantes” (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 75, 1979, p. 246).

Diferentemente da admiração, as demais paixões nos indicam coisas que podem ser boas ou más. É pela dor que a união entre corpo e alma tem a representação do que lhe é maléfico, causando a paixão da tristeza e, posteriormente, o ódio ao que provoca essa dor; e é pelo prazer físico que o corpo e a alma possuem a representação do que lhe é benéfico, donde nasce a paixão da alegria e, conseqüentemente, do amor àquilo que lhe causa esse prazer. Assim como a paixão do desejo, que tem em vista querer o que lhe afigura como um bem e também querer a ausência do mal, portanto, é mais importante, segundo Descartes, repelirmos um mal que pode nos prejudicar, pois isso é o que faz as paixões da tristeza e do ódio serem úteis ao ser humano.

Descartes atenta para o fato de que podemos ser enganados diante dos objetos que nos incitam às paixões, sendo que, por vezes, alguns objetos que se apresentam nocivos inicialmente podem ser muito úteis, enquanto outros que parecem ser benéficos são nocivos. O filósofo recomenda que não tomemos nada com demasia, e que tomemos por base a experiência e a razão para conhecer e distinguir o bem do mal, de modo que não haja a confusão de tomarmos um pelo outro.

No que diz respeito à alma, as paixões provêm do conhecimento, além da sensação física. Desse modo, a partir das paixões de amor e ódio, temos as paixões de alegria e de tristeza, respectivamente. Ficamos alegres quando nos encontramos unidos ao que amamos e que consideramos como um bem a nós.

Quando possuímos uma confiança na veracidade do conhecimento, que causa as paixões do amor e do ódio na alma, Descartes considera a paixão do amor melhor do que a paixão do ódio.

---

<sup>9</sup> A imperturbabilidade da alma.

Quanto ao ódio, costumamos notá-lo acompanhado de certa tristeza, pois ao nos distanciarmos de algo que nos afigura maléfico, podemos nos distanciar, também, de coisas que poderiam nos ser úteis e boas e que estão presentes nesse ‘objeto’ odiado.

Quanto à alegria, Descartes diz o seguinte:

É evidente também que a alegria não pode deixar de ser boa, nem a tristeza de ser má, em relação à alma, porque é na tristeza que consiste toda a incomodidade que a alma recebe do mal, e é na alegria que consiste todo gozo do bem que lhe pertence; de maneira que, se não tivéssemos corpo, eu ousaria dizer que não poderíamos nos abandonar demais ao amor e à alegria, nem evitar demais o ódio e a tristeza; mas os movimentos corporais que o acompanham podem ser todos nocivos à saúde, quando são muito violentos, e, ao contrário ser-lhe úteis quando são apenas moderados. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 141, 1979, p. 267-268).

Deste modo, mesmo quando temos a paixão da alegria proveniente de um conhecimento incerto, isso continua sendo mais vantajoso do que termos uma tristeza que teve como causa um conhecimento verdadeiro. Já no momento em que se trata da paixão do amor ou da paixão do ódio, é necessário termos um conhecimento verdadeiro, pois o amor que tem como causa um conhecimento incerto nos une a algo que pode nos prejudicar. Por fim, quando nos referimos à paixão do desejo, de nenhum modo uma paixão oriunda de um conhecimento incerto pode ser útil, pois é a paixão do desejo que nos leva à ação.

Sobre o desejo, Descartes atribui utilidade a esta paixão caso tenhamos conhecimento sobre o que desejamos, para assim termos o controle desse desejo. A paixão do desejo, somente será útil se ela se encontrar dentro dos limites do conhecimento do indivíduo e ao alcance de se realizar.

[...] esse desejo é sempre bom, quando segue um verdadeiro conhecimento, assim não pode deixar de ser mau, quando se funda em algum erro. E me parece que o erro mais comumente cometido no tocante aos desejos é o de não distinguirmos suficientemente as coisas que dependem inteiramente de nós das que não dependem de modo algum [...]. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 144, 1979, p. 269).

O desejo tem como utilidade e função a busca do bem, mantê-lo e evitar o mal. Fazer um bom uso das paixões pode ser entendido como uma forma de preservar a saúde e a vida do indivíduo. Há paixões que parecem ser maléficas, porém possuem uma utilidade de preservação da vida, como por exemplo, a paixão da covardia. É pela paixão da covardia que não enfrentamos um animal selvagem que possa nos ferir. Para Descartes, o que é necessário no tratamento das paixões é saber utilizá-las bem e controlar seus excessos e faltas, assim como ter o conhecimento necessário para não ser covarde diante de coisas que são inofensivas ou de enfrentar coisas demasiadas perigosas.

Uma vez que a alma receba do corpo um aviso, então aparecem na consciência, derivadas dele, de um lado, a tristeza, que por sua vez gera o ódio ao objeto que causou o mal; por outro lado, a alegria e o amor pelo objeto que causou o bem. E tanto uma como a outra fazem surgir o desejo de evitar o mal ou de conservar o bem. (Teixeira, 1990, p. 203).

Para a união substancial, as paixões servem para indicar a alma o que é benéfico ou maléfico ao corpo do qual a alma se encontra unida, pois, de acordo com Guenancia, “a única relação que a alma mantém com todas as coisas é uma relação de conhecimento; é a união com o corpo que introduz a redução de todas as coisas ao útil ou ao nocivo” (Guenancia, 1991, p. 121).

## Remédios para os excessos e faltas das paixões

Para Descartes, como já dito, são paixões que “dão a doçura a vida”, portanto, elas não devem ser consideradas maléficas ou consideradas como doenças. Elas são, inclusive, úteis, de modo que precisamos saber bem utilizá-las e conduzi-las a ponto de não sermos escravos. Nesse sentido, Descartes, em sua obra *As Paixões da Alma*, nos traz uma porção de conselhos, os quais ele chama de ‘remédios’, com a intenção de remediar os excessos e as faltas das paixões.

Podemos compreender Descartes como um filósofo que atribuía importância à questão do conhecimento e valor à paixão da admiração, e que seria essa a paixão do conhecer. Mesmo assim, a admiração enquanto paixão pode ter alguns desvios, mais por um excesso dela do que pela sua falta. Isso ocorre quando ficamos extremamente admirados ou espantados com a presença de algum objeto novo, que não mereceria tanta, ou mesmo nenhuma, consideração. Esse hábito de admirar em demasia pode fazer com que a função da paixão da admiração, que é a de conhecer, seja deturpada em nome de uma admiração com um fim em si mesma.

Esse hábito da admiração em demasia é maléfico, pois quando passamos a ter o hábito de admirar em demasia coisas que merecem pouca consideração ou nenhuma, não adquirimos conhecimento, apenas ficamos no estágio inicial de admiração. Isso dificulta a identificação do que de fato merece nossa atenção e pode nos proporcionar conhecimento, e do que não merece. Descartes recomenda, portanto, como remédio para tal excesso da admiração, que se possua cada vez mais conhecimento de várias coisas, bem como considerar a existência das coisas diferentes.

Uma das paixões que mais causam problemas quanto ao seu mau uso, é a paixão do desejo. Esta paixão precisa estar dentro dos limites do conhecimento do sujeito que deseja, para que não ocorrerem maus julgamentos, desejando algo que lhe seja maléfico no lugar de algo que lhe é benéfico. Da mesma forma que ocorre com o desejo, que quando desregrado, pode nos levar a querer algo que está ao alcance apenas de outras pessoas ou dependendo da sorte para a sua realização, podendo gerar frustração. Desse modo, o ideal é que o desejo fique dentro dos limites das possibilidades do próprio indivíduo que deseja, e que esse desejo esteja controlado para não depender da sorte, pois: “antes modificar os meus desejos do que a ordem do mundo” (Descartes, *Discurso do Método*, 1979, p. 43). Como um remédio para o mau uso dessa paixão, Descartes sugere que:

[...] há dois remédios gerais contra esses desejos vãos: o primeiro é a generosidade [...] o segundo é que devemos amiúde refletir sobre a providência divina, e nos representar que é impossível que alguma coisa aconteça de maneira diferente da determinada desde toda a eternidade por esta providência [...]. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 145, 1979, p. 269).

Desse modo, a realização dos nossos desejos se encontra dentro do que é instaurado a nós pela providência divina. Mais um dos problemas apresentados pela paixão do desejo, é quando o que se deseja depende da fortuna, ou seja, da sorte do indivíduo em atingir o que deseja. Segundo Teixeira, “não desejamos nada que realmente julgamos impossível, mas a crença na fortuna faz que julguemos possível aquilo que realmente não há razão alguma para julgar possível” (Teixeira, 1990, p. 206). O problema de confiar na fortuna é que somos iludidos a pensar que algo está ao nosso alcance de realização, quando na verdade não está. Por isso, um dos principais remédios para controlar os desejos infundados é a generosidade, por se tratar de um conhecimento de si mesmo, dos seus limites, da busca do conhecimento e de um bom uso do livre-arbítrio.

O conselho que Descartes nos dá, em *As Paixões da Alma*, é investirmos apenas nos desejos que dependem inteiramente de nós. De maneira que nossas ações sejam as melhores possíveis diante do conhecimento que nós possuímos, sendo esta a principal chave da moral para Descartes.

[...] se tivéssemos de tratar de algo em um lugar onde pudéssemos ir por dois caminhos diversos, um dos quais costuma ser muito mais seguro do que o outro, embora talvez o decreto da providência seja tal que, se formos pelo caminho considerado mais seguro, seremos certamente roubados, e que ao contrário, poderemos passar pelo outro sem qualquer perigo, não devemos por isso ser indiferentes à escolha de um ou de outro, nem repousarmos sobre a fatalidade imutável desse decreto; mas a razão quer que escolhamos o caminho que costuma ser o mais seguro; e nosso desejo deve ser realizado nesse particular quando nós o seguimos, qualquer que seja o mal que daí nos sobrevenha, porque, sendo este mal em relação a nós inevitável, não temos nenhum motivo de aspirar a sermos dele isentos, mas somente executar da melhor forma o que nosso entendimento pode conhecer, [...]. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 146, 1979, p. 270-271).

Quando regramos nosso desejo a ponto de desejar o que depende inteiramente de nós, evitamos prováveis frustrações.

A irresolução trata-se da paixão da indecisão, da confusão que nos leva a ficarmos sem ação, como que um receio de falhar na ação. Por um lado, esse receio de falhar na ação pode ser benéfico para agir da melhor forma, porém, se esse receio para agir for longo e em excesso, ele se torna ruim, de modo que correr o risco de falhar, pode ser preferível do que a irresolução em demasia.

Descartes sugere como remédio para o excesso de irresolução, que os indivíduos busquem agir da melhor forma que acreditarem, sem caírem no exagero, mesmo correndo o risco de cometerem falhas.

O remorso ou o arrependimento são paixões relacionadas à tristeza.

O remorso de consciência é uma espécie de tristeza que vem da dúvida sobre se uma coisa que se faz ou se fez é boa e pressupõe necessariamente a dúvida: pois, se estivéssemos inteiramente seguros de que o que se faz é mau, abster-nos-íamos de fazê-lo, tanto mais que a vontade só se dirige às coisas que possuem alguma aparência de bondade/ e, se tivéssemos certeza de que aquilo que já se fez é mau, deveríamos sentir arrependimento e não apenas remorso. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 177, 1979, p. 284).

A utilidade e o remédio dessas paixões se encontram no fato de que, pressupondo que sempre agiremos da melhor forma possível, quando nos arrependermos de algo, não tornaremos agir da mesma forma que agimos anteriormente, pois aquela ação foi proveniente de um mau julgamento. Do mesmo modo, previne-se o arrependimento agindo da forma que julgamos ser melhor, mesmo correndo riscos de cometermos erros.

Por meio do hábito é que podemos fazer diferentes associações dos movimentos do sangue e dos espíritos ao pensamento, de modo a controlar e fazer um bom uso das paixões. Por isso que Descartes recomenda, também, que se estimule na mente lembranças de quando estávamos passando por uma paixão contrária da que estamos atualmente sendo afetados, para amenizar suas consequências, mesmo que estejamos habituados a um comportamento similar diante das mesmas paixões.

Assim, muitos não poderiam abster-se de rir, quando lhes fazem cócegas, embora não colham daí nenhum prazer; pois a impressão da alegria e da surpresa que outrora os fez rir pelo mesmo motivo, estando desperta em sua fantasia, faz com que seus pulmões sejam subitamente inflados, contra a vontade, pelo sangue que o coração lhes envia. Assim, os que têm, por natureza, forte pendor para as emoções da alegria e da compaixão, ou do medo, ou da cólera, não podem impedir-se de desmaiar, ou de chorar, ou de tremer, ou de ter o sangue todo agitado como se tivessem febre, quando a sua fantasia é fortemente tocada pelo objeto de alguma dessas paixões. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 211, 1979, p. 293).

De qualquer modo, Descartes adverte-nos que, no momento inicial, a paixão tende aparecer mais forte do que possa ser de fato, portanto, o tempo é necessário para tranquilizar a agitação inicial da paixão: “embora reconheça que sou extremamente sujeito a falhar, e que não me fio quase nunca nos primeiros pensamentos que me ocorrem” (Descartes, *Discurso do Método*, 1979, p. 67). Da mesma forma, quanto partimos para as ações incitadas por tais paixões, é preciso avaliar até que ponto essas podem ser úteis, ou se teremos uma reação contrária à reação incitada pela paixão.

As paixões, portanto, é o que tornam a vida ‘doce’. Sendo necessário apenas sabermos utilizá-las bem, não nos tornando escravos delas, por meio da utilização da sabedoria.

O principal remédio utilizado para o controle das paixões, segundo Descartes, é a generosidade. Ela é tanto uma paixão<sup>10</sup> quanto uma virtude, consistindo no mais alto grau de estima que o ser humano pode ter, por agir da forma que julga ser a melhor.

A virtude é o remédio geral das paixões porque é o esforço de bem pensar e a vontade firme de pôr em prática o resultado desse esforço. A generosidade é o remédio que poderíamos dizer específico, porque exprime aquela atitude de espírito que só por si é corretiva de todos os excessos das paixões. Conhecer e sentir que a liberdade é o nosso maior bem e estar sempre firme no propósito de bem usá-la é, de fato, estabelecer aquele equilíbrio das paixões que constitui o ideal da moral de Descartes no Tratado. (Teixeira, 1990, p. 221).

O ser humano é dotado de livre-arbítrio, que se bem utilizado e estiver dentro dos limites do entendimento, evita o erro<sup>11</sup>. Do mesmo modo, o livre-arbítrio, na questão da moral, é o ponto a que devemos nos estimar ou desprezar-nos pelo seu bom ou mau uso. De modo que, ao seguirmos a virtude, sempre nos esforçaremos para agirmos da melhor forma que julgarmos, sempre visando nos aperfeiçoarmos, com um esforço da vontade, para melhor julgarmos.

Na generosidade, reconhece-se no outro um ser que também possui o livre-arbítrio e, pressupondo-se que ele agirá da melhor forma que julgar, os erros que porventura ocorram serão cometidos por falta de conhecimento, pois a boa vontade que julgamos existir em nós, também pode existir nos outros indivíduos. Desse modo, a generosidade faz com que não alimentemos nem o ódio nem o desprezo pelos outros indivíduos que cometem falhas, assim sendo, Descartes nos mostra que os mais generosos tendem a ser mais humildes.

A generosidade consiste em fazermos um bom uso do livre-arbítrio, sendo considerada o principal remédio para o controle das paixões, especialmente do desejo, pois os indivíduos generosos possuem conhecimento de si próprios a ponto de não desejarem nada que está fora da sua capacidade de realização.

Em *As Paixões da Alma*, a generosidade e a humildade virtuosa são apresentadas como virtudes, enquanto o orgulho e a humildade viciosa, como vícios. Mesmo assim, elas podem ser entendidas como paixões, considerando que as virtudes estejam menos relacionadas às paixões do que os vícios. Isso se explica pela agitação causada pelos vícios e pelas virtudes, tendo os vícios uma agitação maior. De todo modo, segundo Descartes, os vícios têm sua origem na falta de conhecimento.

[...] admiração goza de duas propriedades: a primeira, que a surpresa a torna forte desde o começo, e a outra, que é igual em sua continuação, isto é, que os espíritos continuam

<sup>10</sup> Enquanto paixão a generosidade seria uma derivada da admiração, da alegria e do amor.

<sup>11</sup> Como Descartes evitava em suas obras anteriores, um método para as certezas indubitáveis e a busca de uma resposta para o erro. Dados que somos criados por Deus, o erro consiste apenas na má administração do livre-arbítrio, que deve estar dentro dos limites do entendimento.



movendo-se na mesma proporção no cérebro. Dessas propriedades a primeira encontra-se bem mais no orgulho e na baixeza<sup>12</sup> do que na generosidade e na humildade virtuosa; e, ao contrário, a última se nota mais naquelas do que nessas duas outras; a razão disso é que o vício provém ordinariamente da ignorância. (DESCARTES, *As Paixões da Alma*, Art. 160, 1979, p. 279).

A generosidade e a humildade virtuosa são consideradas virtudes e, ao mesmo tempo, paixões. Elas podem ter sua origem unicamente na alma, assim como podem ser mantidas e fortalecidas pelos movimentos dos espíritos animais, o que faz com que sejam tanto paixões da alma como ações virtuosas. No entanto, assim como no caso do entendimento, a predisposição para a virtude não é distribuída igualmente entre os indivíduos, o que não impede que, por hábito, seja possível corrigir tais predisposições.

Desse modo, a paixão da generosidade precede a virtude da generosidade, assim como outras virtudes, sendo considerada também como o principal remédio para o controle dos excessos e faltas das paixões. Como aponta Sales, “a paixão da generosidade predispõe o homem a atingir a virtude do mesmo nome, ou seja, o impulso espontâneo dessa paixão transforma-se em hábito que constituirá a virtude da generosidade.” (Sales, 2013, p. 174).

A sabedoria, para Descartes, engloba tanto a investigação nas ciências e a preservação da saúde quanto a conduta de vida. Desse modo, a sabedoria pode ser composta pelo conhecimento do que devemos estimar ou desprezar em nós mesmos, em uma atitude de autoconhecimento.

Noto em nós apenas uma coisa que nos possa dar a justa razão de nos estimarmos, a saber, o uso de nosso livre arbítrio e o império que temos sobre as nossas vontades; pois só pelas ações que dependem desse livre arbítrio é que podemos com razão ser louvados ou censurados e ele nos faz de alguma maneira semelhantes a Deus, tornando-nos seres de nós próprios, contanto que não percamos, por covardia, os direitos que ele nos concede. (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 152, 1979, p. 276).

Segundo Descartes, quando a alma segue a virtude, ela não terá sua tranquilidade perturbada pelos malefícios das paixões: “quem quer que haja vivido de tal maneira que sua consciência não possa censurá-lo de nunca ter deixado de fazer todas as coisas que julgou serem as melhores” (Descartes, *As Paixões da Alma*, Art. 148, 1979, p. 271-272). Desse modo, entendemos que a ação moral seria fruto da busca pelo conhecimento, agindo sempre da melhor forma que julgarmos.

### Considerações finais

Podemos considerar que Descartes compreende as paixões como úteis a existência e a sobrevivência. Pois são elas que nos indicam o que devemos buscar e o que devemos repelir. Porém, se faz necessário um controle dos seus excessos e faltas, para que não nos tornemos escravos das paixões e para que não sejamos vítimas dos infortúnios dos desregramentos delas. As paixões em seus excessos e faltas podem levar a um mal julgamento, além de afetar a saúde do corpo e da alma.

Deste modo, se tornar senhor de suas paixões, é aproveitar o melhor que elas podem lhe dar. Afinal, são as paixões que dão a doçura a vida.

---

<sup>12</sup> Humildade viciosa.

## Referências

- DESCARTES, René. *As Paixões da Alma*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. (Coleção Os Pensadores) 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- DESCARTES, René. *Cartas*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. (Coleção Os Pensadores) 2. ed. . São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. (Coleção Os Pensadores) 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. (Coleção Os Pensadores) 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- DESCARTES, René. *Objecções e respostas* Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. (Coleção Os Pensadores) 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- DESCARTES, René. *Tratado do Homem*. Anexo ao texto de Jordino Marques: Descartes e sua concepção de homem. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- DESCARTES, René. *Princípios da Filosofia*. Trad. Ana Cotrim e Heloísa da Graça Burati. 2. ed. São Paulo: Rideel, 2007.
- GUENANCIA, Pierre. *Descartes*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- HATFIELD, Gary. *The Passion of the Soul and Descartes's machine psychology*. Studies in history and philosophy. Philadelphia: Elsevier, 2007.
- HATFIELD, Gary. *A fisiologia de Descartes e a relação desta com sua psicologia*. Descartes. Org. John Cottingham. Trad. André Oídes. (Coleção Companions e Companions). Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.
- MARQUES, Jordino. *Descartes e sua concepção de homem*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- RORTY, Amélie Oksenberg. *Descartes sobre o pensar com o corpo*. Descartes. Org. John Cottingham. Trad. André Oídes. (Coleção Companions e Companions). Aparecida SP: Ideias & Letras, 2009.
- SALES, Benes Alencar. *Descartes: das paixões à moral*. São Paulo: Edições Loyola; Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2013.
- TEIXEIRA, Lívio. *Ensaio sobre a moral de Descartes*. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

---

**Autor(a) para correspondência / Corresponding author:** Felini de Souza. [felinista.filosofia@gmail.com](mailto:felinista.filosofia@gmail.com)